

## **RELATOS SOBRE TRABALHADORES NEGROS DE PELOTAS: DA DISCRIMINAÇÃO PARA AS LUTAS SOCIAIS**

**RESENDE NOGUEZ, Suélen<sup>1</sup>; ALMEIDA GILL, Lorena**<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, curso de História Bacharelado. suelen\_rn@hotmail.com.

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do departamento de História.  
lorenaalmeidagill@gmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

O Laboratório de História Oral (LHO) é um espaço de pesquisa e extensão vinculado ao Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas (NDH - UFPel). Foi criado no ano de 2010, com o objetivo de salvaguardar as entrevistas feitas sob a metodologia da História Oral já existentes oriundas de projetos antigos bem como promover a realização de demais entrevistas, ligadas a interesses de pesquisa do NDH. O Núcleo de Documentação Histórica foi idealizado e fundado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Ana Loner, e é atualmente coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lorena Almeida Gill.

O LHO conta atualmente com mais de cem entrevistas anexadas ao seu acervo, estas sendo provenientes de diferentes projetos. Nos anos de 2003 a 2005, foi desenvolvido pelo NDH e coordenado pela já referida Beatriz Ana Loner, o projeto Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas. Este projeto foi realizado no intento de recuperar a História dos Clubes Negros, com ênfase para a sua vida associativa e a sua capacidade de representação social deste grupo étnico. Através das entrevistas realizadas, dos trabalhos provenientes destas e de uma revisão bibliográfica sobre o tema, foi possível analisar não apenas a História dos Clubes, mas também outras questões sobre o contexto histórico de Pelotas no período tratado.

O presente trabalho tem por objetivo, fazer uma análise a respeito da classe trabalhadora negra de Pelotas, nos anos de 1920 a 1950, período esse que comporta a fundação e o auge dos clubes, embasado em entrevistas realizadas para o projeto. É possível levantar discussões sobre temas como a divisão das classes sociais dentro da sociedade negra pelotense (LONER, 2005), valorização do trabalhador negro (LONER:GILL, 2009), bem como as profissões exercidas pelos frequentadores dos diferentes Clubes negros da cidade de Pelotas.

### **2 METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho, foi feita uma análise das entrevistas feitas de acordo com a metodologia da História Oral, pertencentes ao projeto Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas; é importante ressaltar que esta metodologia de pesquisa cada vez mais vem ganhando espaço na realização de trabalhos acadêmicos. Desde o início de sua utilização, que se deu com maior força após a Segunda Guerra Mundial, vem sendo bastante difundida e hoje em dia é utilizada por diversos ramos acadêmicos, não apenas na História e nas Ciências Humanas (HOLANDA: MEIHY, 2007). Foram recolhidos dados contidos nas entrevistas realizadas a respeito dos clubes, Fica Aí pra ir dizendo, Chove não Molha e Depois

da Chuva. Objetivando traçar um perfil a respeito dos ofícios exercidos pelos associados de cada clube.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito se discuti sobre cotas e outras ações afirmativas para afrodescendentes. Buscaremos discutir também a respeito de como os negros se inseriram no mercado de trabalho e no convívio social da cidade de Pelotas, no período que seguiu a abolição.

De acordo com Loner e Gill, podemos observar as condições em que no Rio Grande de Sul o trabalhador negro foi lançado à forma de trabalho remunerada.

Quanto ao Rio Grande do Sul, os negros estiveram presentes desde seu povoamento como trabalhadores escravizados trazidos para os campos e cidades. Especialmente na região sul, devido às charqueadas (Cardoso, 1962), foi grande a utilização do negro, que, após a abolição ali continuou residindo, integrando-se como trabalhador manual ao mercado de trabalho da região. (LONER;GILL, 2009, pág 146)

Após a abolição da escravidão, em algumas regiões do Brasil o negro teve grandes dificuldades em se inserir no mercado de trabalho livre e remunerado. No Rio grande do Sul, essa dificuldade foi menor, devido à ocorrência das charqueadas. O fato de estarem habituados com esse tipo de trabalho lhes deu certa vantagem sobre os imigrantes estrangeiros brancos que geralmente levavam vantagem no preenchimento das vagas de emprego existentes. Porém o fato de serem ex-escravos ou descendentes, fazia com que seu trabalho fosse extremamente desvalorizado, muitas vezes trabalhavam por um salário que não lhes possibilitava outra vida além da de miséria.

Em 1920, o número de cidadão negros no município de Pelotas era de 15% da população total. Segundo Santos esse período foi de importante destaque para as lutas da etnia negra.

A Década de 30 é um importante período para o estudo sobre a etnia negra no Brasil. (...). Porém, esse foi um momento de florescimento de importantes movimentos que incitaram a discussão sobre a posição ocupada pelos negros no Brasil. (SANTOS, 2006, pág.22)

Ainda neste período, perpetuavam-se características que mantinham os negros excluídos de cargos políticos, de direitos básicos como educação, e ainda eram colocados de forma marginal diante da sociedade (Santos, 2005). Nas décadas de 20 e 30 começaram a surgir clubes carnavalescos frequentados por pessoas da etnia negra, e de acordo com a bibliografia disponível sobre o tema, bem como o relato de ex-freqüentadores desses clubes, foi feito um estudo das profissões exercidas por esse percentual da população de Pelotas, com fins de perceber o modo como essas pessoas estavam inseridas no mercado de trabalho e na sociedade pelotense.

Um dos primeiros a ser criado foi o clube Fica Aí pra ir dizendo, fundado em 27 de janeiro de 1921. Este veio a se tornar referencia para a etnia negra, promovendo festas, bailes de debutantes e jogos de salão. Apenas sócios podiam frequentar seus eventos e a entrada de brancos não era permitida. O clube Fica Aí é

lembrado por representar a elite negra de Pelotas, a maioria de seus sócios era trabalhadores com ofícios como eletricitistas, marceneiros, carpinteiros, militares, funcionários públicos e professores. O clube Chove Não Molha (1919), possuía sócios em uma posição intermediária na sociedade negra como cozinheiros, costureiras e empregadas domésticas. Já o Depois da Chuva (1916), era frequentado por pessoas de baixa condição social, como lixeiros (LONER, 2005).

Abaixo segue uma Tabela ilustrativa feita das profissões mais recorrentes exercidas por sócios nos três clubes mencionados, com base nas entrevistas existentes no Laboratório de História Oral.

Tab.1.

Clube Aí Pra ir Dizendo	Chove Não Molha	Depois da Chuva
Servente de escola	Pintor	Lixeiro
Professor (a)	Encanador	Pedreiro
Militar	Zelador	Fundidor
Funcionário público	Bordadeira	Lavadeira
Modista	Servente de escola	Empregadas Domésticas

Durante o século XX, os negros formaram entidades recreativas e de classe, em razão da forte discriminação que enfrentavam na sociedade. Tiveram que se organizar na batalha pela conquista de seus direitos como trabalhadores e empenharam-se na luta contra o racismo. Em Pelotas, constituíram um importante setor da classe operária. Por condições históricas, e o paradigma da escravidão esse grupo étnico era o que tinha a menor possibilidade de ascender na hierarquia social. Por isso, havia o grande interesse em buscar a melhoria das condições de vida, ser operário era infinitamente melhor do que fazer biscates, ou ser mão-de-obra para tarefas humilhantes, pois esses eram os serviços que a sociedade parecia lhes reservar (LONER, 2001).

Os clubes não representavam apenas locais de convívio social e divertimento, após a abolição, os negros viviam em um regime repressor. Não podiam frequentar certos lugares públicos como praças, cinemas, teatros e cafés. Então em 1927, algumas das principais associações negras, fizeram denúncias sobre as formas de discriminação que ocorriam em Pelotas. Esses clubes foram criados também em forma de protesto contra esses abusos, afim de que negros pudessem formar uma sociedade própria de cultura e entretenimento, totalmente independente da “sociedade” branca pelotense (LONER;GILL, 2009).

#### 4 CONCLUSÃO

Ao término desta fase de nossa pesquisa, podemos concluir que existiam diferenças nas categorias de profissões exercidas pelos sócios dos clubes estudados. Enquanto a maioria dos frequentadores do Clube cultural fica Aí, ocupavam um lugar de mais destaque na sociedade, os integrantes do Chove e Não Molha e do Depois da Chuva, podiam ser em sua maioria cidadãos de vida e origem mais simples. É, no entanto fundamental salientar que independente da origem social ou da instituição frequentada, esses locais ofereciam oportunidades de interação social como a construção de amizades e casamentos, oferecendo sociabilização e recreações (LONER;GILL, 2009).

Quanto aos narradores das entrevistas estudadas, ao relatarem memórias referentes à sua vida e atuações nos clubes, bem como a de parentes próximos, eles nos falam de lutas, de conquistas e realizações, tanto no âmbito pessoal como no social. Mostram-nos uma parte da trajetória da etnia negra em prol da busca de seus direitos na cidade de Pelotas.

No decorrer deste trabalho, podemos discutir algumas problemáticas a respeito da inserção do negro do convívio social pelotense, entende-se que esta pesquisa encontra-se em fase inicial, sendo assim ainda é possível observar as implicações dessas problemáticas históricas na sociedade atual, buscando compreender os processos que levaram grande parte da população negra a habitar as periferias da cidade, estando muitas vezes vivendo em condições pouco favorecidas.

## 5 REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Marcele. **Somos, ou não somos negros, e se não somos, o que é que somos?** – A Alvorada: Construção de identidade étnica e discriminação racial (1931- 1935). 2006. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pelotas.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe. **História Oral: Como fazer, Como Pensar.** São Paulo, Contexto, 2007.

LONER, B. A. ; GILL, Lorena Almeida . **Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas.** Estudos Ibero-Americanos (PUCRS. Impresso), v. 35, p. 145-162, 2009.

LONER, B. A. **Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes negros.** In: XXIII Simpósio Nacional de história- História: guerra e paz, 2005, Londrina. [www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/anais.htm](http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/anais.htm). Londrina : Universidade Estadual de Londrina, 2005. p. 1-10.

LONER, B. A. **Construção de classe : operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).** Pelotas: Editôra Universitária, 2001. v. 1. 467

LONER, B. A. **Negros: organização e luta em Pelotas.** História em Revista (UFPe), Pelotas, v. 5, n. -, p. 07-27, 1999.

OLIVEIRA DA SILVA, Fernanda. **Raça, sociabilidade e identidade num clube pelotense:** Clube carnavalesco negro fica Aí Pra ir Dizendo (1938 – 1943). 2008. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pelotas.